

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 26 • 2020



**Instituições, personalidades e espólios arqueológicos
contributos para a Arqueologia portuguesa**

Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2020

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular para além de contributos sobre a História da Arqueologia.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 26 • 2020 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

UMA NOVA LEITURA DO ESPÓLIO DAS ESCAVAÇÕES DE LEITE DE VASCONCELOS NO “CASTRO” DE PRAGANÇA, CADAVAL. EVIDÊNCIAS DE UMA OCUPAÇÃO DA I IDADE DO FERRO

A NEW APPROACH OF THE RECOVERED ARTEFACTS DURING LEITE DE VASCONCELOS ARCHAEOLOGICAL EXCAVATIONS IN “CASTRO” OF PRAGANÇA (CADAVAL, PORTUGAL). EVIDENCES OF A FIRST IRON AGE OCCUPATION

Ana Ávila de Melo* & João Pimenta**

Abstract

In this article the authors present a set of several Iron Age artifacts, mostly unpublished, from Pragança settlement. Since the late nineteenth century, this collection has been part of the National Archaeological Museum and the artefacts were recovered during archaeological excavations conducted by the founder of the National Archaeological Museum, José Leite de Vasconcelos in this archaeological site. This site is very often associated with the fortified Chalcolithic settlements of Estremadura, but there is evidence of later occupations, as J. Leite de Vasconcelos had already pointed out. The authors present an important set of materials from the Iron Age, framing them in a regional perspective and circulation of goods, integrating this archaeological site in a network of contacts with the orientaling and sideric world, that this set of artefacts demonstrate.

Keywords: Pragança, (Cadaval, Portugal); Iron Age; ceramics; glass beads; metal artifacts; orientaling contacts

1 – PREÂMBULO

Este artigo é o resultado de um longo período de investigação, em que os autores, embora com motivações, problemáticas e diacronias distintas, acabaram por se cruzar no estudo dos materiais do povoado de Pragança que integram o acervo do Museu Nacional de Arqueologia desde finais do século passado. Para um de nós (A. A. M.), a metalurgia do povoado de Pragança constitui, desde há muito, objeto de estudo e tema da tese de doutoramento a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, enquanto para o outro autor (J. P.), há muito que a problemática em torno da transição da Idade do Ferro e da conquista romana, especialmente na região da península de Lisboa têm orientado a sua investigação e conduzido à publicação de trabalhos sobre esta temática. Mais recentemente, no âmbito da elaboração em curso da sua dissertação de doutoramento, a apresentar à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em torno da temática das dinâmicas do processo de conquista romana no Vale do Tejo, decidiu-se visitar as escavações antigas

* Doutoranda da FLUC. E-mail: anaavilamel@gmail.com

** Centro de Estudos Arqueológicos Vila Franca de Xira – CEAX joao.marques@cm-vfxira.pt /Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras – Uniarq (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa).

de Pragança. Naturalmente, os contactos científicos estabeleceram-se, a partilha de informações fluiu e, em conversa informal, surgiu a ideia de publicar um trabalho conjunto em que fossem “revisitados” e publicados os materiais que atestam, sem qualquer dúvida, uma ocupação do sítio na I Idade do Ferro. É este contributo que ambos os signatários, em perfeita sintonia e respeito deontológico pelos resultados das respetivas investigações, agora dão a conhecer.

2 – ENQUADRAMENTO

O denominado Castro de Pragança é sem dúvida um dos mais emblemáticos sítios arqueológicos da península de Lisboa, situa-se no Concelho do Cadaval, União das Freguesias de Lamas e Cercal, correspondendo ao CNS – 1260. Implantado numa posição estratégica, no topo de uma elevação com a cota máxima de 334 metros de altitude, escarpada de forma inexpugnável a Oeste e a Noroeste, o sítio domina uma das principais portelas de acesso e de travessia da Serra de Montejunto (Figs. 1 a 3).

A descoberta do Castro de Pragança decorreu da curiosidade incansável de José de Leite de Vasconcelos e do facto de ter achado suspeito a denominação toponímica dada ao morro sobre a aldeia de Pragança, a que se chamava o Castelo. Face a essa constatação pede em 1893 ao seu amigo António Maria Garcia, para confirmar as suas suspeitas, das quais o mesmo rapidamente dá conta, confirmando a existência de um povoado no sítio designado como “Castelo”, devido à grande quantidade de cerâmicas encontradas à superfície (DOMINGOS & GOMES, 2005).

O interesse de José de Leite de Vasconcelos com o sítio e a região prende-se com o facto de a conhecer bem, por ter lá família e por ter residido no Cadaval onde exerceu medicina entre 1887 e 1888 (BRANCO, 1962). O primeiro Diretor do Museu de Belém irá realizar escavações arqueológicas em Pragança, nos anos de 1895, 1905 e 1915, recolhendo uma ampla coleção de materiais atualmente depositados no Museu Nacional de Arqueologia (VASCONCELOS, 1895, 1905, 1913 e 1915).

Posteriormente, outros investigadores promoveram investigações no local de maior ou menor extensão. Tais como o Cónego Joaquim Botto, cujo espólio por ele recolhido se encontra depositado no Museu de Faro e o arqueólogo Leonel Trindade que nas décadas de trinta e quarenta do século passado terá promovido igualmente escavações (DOMINGOS & GOMES, 2005). Mais recentemente, João Ludgero M. Gonçalves, nas funções de arqueólogo da Assembleia Distrital de Lisboa, promoveu no final da década de 80, início dos anos 90, uma nova fase de escavações e valorização no local. Destaca-se pela sua relevância científica a detecção de estruturas defensivas no sítio, nomeadamente uma ampla estrutura semicircular interpretada como torre, na cota mais elevada do cabeço e datada por radiocarbono da primeira metade do terceiro milénio a.C. (GONÇALVES, 1990-1992).

Os vastos e heterogéneos espólios recolhidos em Pragança, que englobam cerâmicas, líticos, artefactos metálicos, contas de âmbar, e até numismas, encontram-se atualmente disperso por vários museus: o Museu Nacional de Arqueologia, o Museu Arqueológico do Carmo, o Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, o Museu de Faro, o Museu de Alenquer e o Museu do Cadaval.

Apesar do precoce interesse pela importância científica deste sítio e das várias campanhas de escavação aí realizadas, pouco se sabe sobre as suas ocupações. A verdade é que as escavações no povoado de Pragança remontam aos últimos anos do século XIX e primeiros do século XX e, para tal, foi fundamental o apoio no local de António Maria Garcia que faleceu em 1908, após um período prolongado de doença, o que explica que as escavações no povoado tenham terminado nos primeiros anos do século XX. A abertura ao público do atual

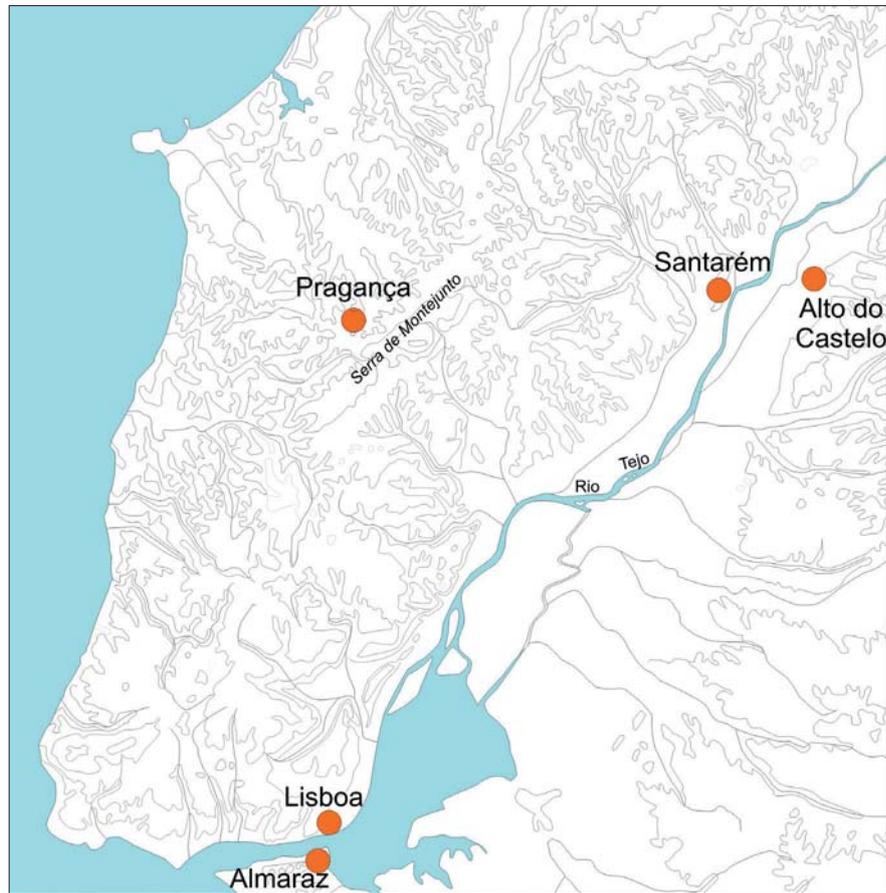


Fig. 1 – Localização do sítio de Pragança, no mapa da península de Lisboa e Baixo-Tejo. Para uma questão de contexto localiza-se igualmente os principais sítios de ocupação da Idade do Ferro na área em questão.



Fig. 2 – Fotografia aérea do sítio arqueológico de Pragança. Imagem de Drone de João Machado e João Pimenta.



Fig. 3 – Fotografia aérea do sítio arqueológico de Pragança, sendo bem visível o seu domínio sobre a portela de travessia da serra de Montejunto, entre Pragança e a Abrigada. Imagem de Drone de João Machado e João Pimenta.

Museu Nacional de Arqueologia, em 1906, também é outro fator que explica o “abrandamento” do interesse de J. Leite de Vasconcelos pelas intervenções arqueológicas em Pragança e o seu redobrado interesse em expor os materiais exumados dos diversos sítios por ele escavados. Por outro lado, não ficaram registos de campo – levantamento cartográfico e estratigrafia das áreas intervencionadas –, apenas informações esparsas sobre os materiais e, raramente, uma indicação mais precisa da localização dos achados, como é o caso dos machados do “Bico da Vela”, o ponto mais alto do sítio e, conseqüentemente, onde terão sido recolhidos dois machados metálicos de cronologia mais recuada.

Em 1905, Leite de Vasconcelos sintetiza assim os espólios por ele recolhidos:

“Pragança, en Estremadura, est le *crasto* le mieux représenté dans le Musée, à cause de ses riches dépouilles, appartenant à toutes les époques, en commençant par le néolithique. On y trouve: des pointes de flèche en silex et en cuivre, des lances en silex et en bronze, des haches en pierre et en bronze, des marteaux en pierre, des meules, des pendeloques en pierre et en ivoire, des perles en pierre, en verre et en ambre, des fibules en bronze, des vases, des fragments de poterie ornementée, des poids d’argile semblables à ceux d’Argar (Espagne), des fusaioles.” (VASCONCELOS, 1905, p. 67).

Importa sublinhar, que desde este primeiro trabalho ficou bem expresso que nesta estação se encontravam espólios que permitiam ver uma ampla diacronia de ocupação, remontando ao neolítico. Contudo, apesar destes “*riches dépouilles*”, foi escassa a atenção atribuída ao seu estudo, carecendo até hoje Pragança de uma monografia da totalidade dos dados aí exumados, embora até ao fim dos seus dias J. Leite de Vasconcelos sempre tenha reiterado a sua intenção de a publicar.

A riqueza do sítio em metais, mais de 500 peças, faz deste um dos maiores conjuntos proto-históricos exumados no território português (FIGUEIREDO, MELO & ARAÚJO, 2007) e fez com que o povoado de Pragança fosse inserido na cartografia da Idade de Bronze Final Peninsular (MONTEAGUDO, 1977; COFFYN, 1983; 1985), dando-lhe uma ampla notoriedade. Mais recentemente ao conjunto de machados e de armas da Idade do Bronze Final, foi aduzido, um invulgar conjunto de dezasseis ponderais em bronze (VILAÇA, 2003), assim como duas contas de âmbar báltico (ODRIOZOLA et al., 2017).

Contudo a aduzir às bem atestadas ocupações Calcolíticas e da Idade do Bronze Final, as fases mais recentes permaneceram em grande parte inéditas, tendo apenas sido estudadas um conjunto de nove fíbulas que abrangem a Idade do Ferro e o período romano republicano (PONTE, 1982; 2006; MELO et al., 2009) e o conjunto numismático, dos quais se destacam dois denários republicanos (Ruivo, 1993-1997), mas onde se encontram igualmente presentes outros oito numismas, que atestam uma continuidade de ocupação ou pelo menos de ocorrências em Pragança entre os séculos I e II d.C. (RUIVO, 1993-1997, p. 57).

Apesar desta escassa representatividade, alguns materiais excepcionais são conhecidos. Destaque-se o conjunto de materiais em prata e ouro, o chamado “tesouro de Pragança” (CNS – 1994). Trata-se de conjunto encontrado em 1934 “a pouca profundidade e junto dumas pedras”, “no extremo da estrada que conduz ao cimo do castro” de Pragança (HELENO, 1935, p. 239), e que parece atestar um período de instabilidade na vida do sítio. Deste conjunto, fazem parte, oito peças: uma conta e uma lúnula de ouro, três lúnulas, um torque e dois vasos em prata. As lúnulas possuem caneluras feitas por puncionamento, punctiformes e circunferências simples e concêntricas, associadas a SSS, organizados em motivos geométricos. O torques e o vaso, de colo estrangulado, são lisos. Este conjunto inscreve-se no final da II Idade do Ferro, tendo as lúnulas um paralelo muito próximo em exemplar de Viseu (HELENO, 1935, Est. VI, Fig. 25; SILVA, 1986, Est. CXIX, n.º 3). Os paralelos aduzidos por este último autor indicam cronologia do final da Fase II da Cultura Castreja, situável cerca de meados do século II a.C., ou seja podemos estar já perante um episódio de entesouramento correlacionado com a fase de conquista romana.

3 – FASEAMENTO DO SÍTIO

Como acima foi referido, ficou claro desde os trabalhos iniciais de Leite de Vasconcelos que o povoado de Pragança foi alvo de múltiplas ocupações. Estas materializaram-se num imenso acervo que se encontra à guarda do Museu Nacional de Arqueologia, no que diz respeito às investigações oitocentistas. No início da década de quarenta do século passado, o segundo diretor do Museu Nacional de Arqueologia, Manuel Heleno, visitou os diversos sítios arqueológicos do concelho do Cadaval, após o falecimento do fundador do museu, conforme relata J. Saavedra Machado dizendo que “em Torres Vedras e arredores, o director visitou o Museu e as colecções do Dr. Ricardo Belo e do Sr. Leonel Trindade, e investigou as grutas da Quinta das Lapas, do Reguengo Grande e do Reguengo Pequeno”, tendo Manuel Heleno acabado por comprar a colecção de artefactos metálicos recolhida por Leonel Trindade em Pragança, conforme refere J. Saavedra Machado (1965, p. 79-80). O espólio, em menor número de artefactos, das escavações mais recentes efectuadas neste sítio arqueológico por João Ludgero Marques Gonçalves encontra-se depositado no Museu do Cadaval. A prioridade dada por este arqueólogo nas suas escavações em Pragança foi delimitar a muralha do povoado a qual, embora tivesse sido já referida por J. Leite de Vasconcelos, não estava visível e o seu perímetro integral não era conhecido.

Os materiais existentes permitem sustentar uma primeira ocupação do sítio no Neolítico Antigo, sendo disso exemplo cerâmicas decoradas do tipo falsa folha de acácia assim como alguns artefactos líticos, nomeadamente de sílex.

O Calcolítico constitui, sem dúvida, um período expressivo da ocupação do sítio, que bem merecia outra atenção por parte da comunidade científica. O volume da amostragem dos artefactos atribuíveis a esta fase aguarda uma análise monográfica que lhe confira o destaque merecido. Da análise que pudemos efetuar no âmbito da revisão da coleção do Museu Nacional de Arqueologia e do Museu do Cadaval, o acervo abrange todo o período Calcolítico. O único conjunto que se encontra tratado e analisado do ponto de vista científico é o dos materiais campaniformes (BASÍLIO, 2015; BASÍLIO & TEXUGO, 2017) e os artefactos metálicos representativos desta época, como pontas de Palmela, machados planos, facas, serras, punções, em cobre ou cobre arsenical (FIGUEIREDO, MELO & ARAÚJO, 2007).

O morro do Castelo de Pragança volta a ser ocupado no final da Idade do Bronze, sendo que a relevância dos seus espólios e a sua exibição no Museu Nacional de Arqueologia, lhe granjeou desde cedo notoriedade no âmbito das sínteses sobre Idade do Bronze Peninsular (MONTEAGUDO, 1977; COFFYN, 1983; 1985), mas igualmente nas sínteses regionais da Estremadura (KUNST, 1995) e da península de Lisboa (CARDOSO, 2004; SOUSA, 2016a).

Sobre a ocupação da Idade do Bronze, destaca-se sem dúvida o conjunto de artefactos metálicos enquadráveis neste período, encontrando-se este em fase final de estudo por um de nós (A. A. M.). Este é bastante vasto e o mais representativo desta fase de ocupação do sítio, incluindo armas, utensílios, ponderais em bronze (VILAÇA, 2003) e objectos de adorno, mas é sobretudo caracterizado por utensílios e, fundamentalmente, pelas armas, como os machados de talão e aselhas, foice tipo Rocanes, punhais tipo Porto de Mós, fragmentos de lâmina de espada, pontas de lança, contos de lança, conteiras de bainha de espada. O grupo dos objetos de adorno está maioritariamente representado pelo enorme conjunto de argolas recolhidas neste sítio; claro que este tipo de artefacto tem uma diacronia longa e, embora se possa atribuir à última etapa da Idade do Bronze, a verdade é que a sua utilização se prolongou pela Idade do Ferro, pelo menos na sua etapa inicial. Ainda dentro do grupo dos objectos de adorno temos que sublinhar a presença já acima referida de duas contas de âmbar de proveniência báltica, que insere assim Pragança no quadro da circulação, troca e comercialização destes produtos de exceção (ODRIOZOLA et al., 2017).

Entre o restante espólio atribuível a esta fase destaca-se o conjunto de cerâmica manual, típico desta fase, e inserível no quadro conceptual e tipológico da fase final da Idade do Bronze¹ (CARDOSO, 1995; 1999-2000; 2004). Graças aos estudos realizados nos últimos anos em sítios já clássicos mas que careciam de revisão, tais como a Praça da Figueira em Lisboa (SILVA, 2013); o povoado da Tapada da Ajuda, Lisboa (CARDOSO & SILVA, 2004); o povoado do Castelo de Alverca do Ribatejo (PIMENTA & MENDES, 2007), o depósito votivo de Moita da Ladra, Vila Franca de Xira (CARDOSO, 2013; MONTEIRO & PEREIRA, 2013), a Serra de Sintra (CARDOSO, 2014; CARDOSO & SOUSA, 2014), o Cabeço do Mouro Cascais (CARDOSO, 2006) o casal agrícola de Abrunheiro, Oeiras (CARDOSO, 2010-2011), o povoado do Cabeço de Alcainça, Mafra (PONCE, 2012), o povoado da Serra do Socorro, Torres Vedras/Mafra (DIAS, 2017) e o Castelo da Amoreira, Odivelas (BOAVENTURA, PIMENTA & VALLES, 2013), começamos a dispor de uma amostragem quantitativa de espólios, sítios e de distintas ocupações que permitem um melhor estudo e compreensão das dinâmicas da Idade do Bronze nesta área.

¹ Este conjunto cerâmico encontra-se de momento e na sequência dos estudos em epígrafe, a ser estudado por Pedro Carita no âmbito de uma dissertação de Mestrado a apresentar à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa orientado pela Professora Elisa de Sousa.

O conjunto cerâmico de Pragança atribuível à Idade do Bronze é vasto e diversificado, sendo constituído por contentores de armazenamento, encontrando-se alguns particularmente bem preservados, como o que se encontra na exposição permanente do Museu do Cadaval. Mas também, por peças de melhor qualidade evidenciando paredes muito finas e acabamento acetinado e polido como algumas das peças melhor preservadas e que se encontram disponíveis no MatrizNet². Desde cedo a análise deste conjunto permitiu identificar entre estas peças de acabamento mais cuidado, decorações em ornatos brunidos, constando aliás Pragança no mapeamento deste tipo de evidências (SPINDLER, 1981; BUBNER, 1996).

A presença deste tipo de decorações de ornatos brunidos tipo Lapa de Fumo, dá-nos precisamente o mote para o presente artigo, que pretende sublinhar e apresentar as evidências que sustentam uma ocupação da Idade do Ferro no sítio. Recorde-se que segundo a proposta de João Luís Cardoso, estas cerâmicas “(..) teriam aparecido mais tarde prologando-se até à generalização das cerâmicas feitas ao torno rápido, de origem oriental, a partir do século VIII a.C. (CARDOSO, 1995, p. 88). Sublinhe-se que esta proposta tem vindo a ser corroborada para área em análise tendo vindo a ser identificada nos níveis arcaicos de fundação do povoado pré-romano de Lisboa as cerâmicas de ornatos brunidos a par dos primeiros materiais de feição oriental (PIMENTA, SILVA & CALADO, 2013; PIMENTA, SOUSA & AMARO, 2015).

4 – EVIDÊNCIAS DE UMA OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO

“A pesar del desconocimiento y de la escasez de datos para la región extremeña en general, pienso que es legítimo afirmar que «castros» de la Edad del Hierro, como Ota, Pragança, Rocha Forte y San Salvador, entre otros, no fueron tocados por ningún orientalismo, a pesar de que , en algunos de ellos, la ocupación humana se remonta al Bronce Final, e incluso a épocas anteriores, como el Calcolítico.”

A. M. Arruda, 2002, p. 223

Não sendo o período mais representativo da ocupação humana no povoado de Pragança, os materiais atribuíveis à I Idade do Ferro constituem, no entanto, um conjunto coerente, praticamente desconhecido e que lança luz sobre as transformações, contactos e dinâmica das estratégias de povoamento na Estremadura, no dealbar da I Idade do Ferro, tema que tem despertado o interesse de vários autores nas últimas décadas (ARRUDA, 2002; CARDOSO, 2004; MELO & MARTINEZ, 2001) e de que o presente trabalho se pretende constituir como mais um contributo para a caracterização da região estremenha nesta época.

Recentes trabalhos de levantamento sistemático do território da península de Lisboa e Vale do Tejo, direccionados para o estudo e conhecimento das realidades proto-históricas têm nos últimos anos vindo a alterar o estado dos conhecimentos, veja-se o caso dos novos sítios identificados na bacia hidrográfica do rio Grande da Pipa (PIMENTA & MENDES, 2010-2011), rio da Silveira (PIMENTA & MENDES, 2015) ou do rio Tejo, nomeadamente a rede de povoamento na margem esquerda do rio em frente a Santarém (ARRUDA et al. 2017). Ainda que estas novas evidências careçam de trabalhos mais aprofundados, nomeadamente de escavações e leituras estratigráficas em muitos dos sítios ora identificados, os dados permitem percepcionar um quadro de maior complexidade, denotando-se uma mais ampla dialética entre os sítios litorais ou estuarinos, onde o processo de orientalização é assaz mais profundo, e os povoados indígenas da Idade do Bronze, como

² <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosListar.aspx?TipoPesq=2&NumPag=1&RegPag=50&Modo=1&Criterio=Castro+de+Pragan%c3%a7a>

é o caso de Pragança e onde a revisão dos espólios antigos começa agora a valorizar alguns elementos que podem atestar este contacto e interacção.

Os materiais identificados da I Idade do Ferro constituem um conjunto cerâmico variado, com cerâmica manual e a torno, destacando-se os recipientes de armazenamento e fragmentos de ânfora. Já no que se refere aos artefactos metálicos em bronze, a maioria integra objectos de adorno, de que destacamos duas fíbulas tipo Acebuchal, uma fíbula anular hispânica e alguns fragmentos de braceletes “acorazonados” ou “arriñonado”, segundo a terminologia de J. Jiménez Ávila (JIMÉNEZ ÁVILA, 2006).

4.1 – Conjunto cerâmico

É conveniente clarificar antes de entrarmos na análise concreta dos artefactos que atribuímos a este período, que o acervo proveniente das escavações no “Castro” de Pragança depositado no Museu Nacional de Arqueologia corresponde a um conjunto amplo e heterógeno, que atesta de forma desigual as diversas etapas da sua ocupação. Este espólio denota igualmente à luz da época em que foi recolhido uma seletividade na recolha de materiais, seletividade essa, bem patente na inexistência de fragmentos indiferenciados ou na total ausência de faunas exceto alguns artefactos em osso mais característicos.

4.1.1 – A cerâmica manual

Tendo assim por base uma análise tipológica do conjunto cerâmico, os dados disponíveis colocam-nos alguns problemas de natureza cronológica, visto que muitos dos materiais de cerâmica manual presentes em Pragança, e que podemos atribuir à Idade do Bronze, perduram nos primeiros momentos da Idade do Ferro, tenha-se presente os dados contextuais de Santarém (ARRUDA, 2002), de Lisboa (PIMENTA, SILVA & CALADO, 2013; FERNANDES et al., 2013), ou os do povoado de cabanas de Santa Sofia, Vila Franca de Xira (PIMENTA & MENDES, 2010-2011). Sublinhe-se que neste último sítio, se assiste a um arcaísmo da cultura material, perdurando morfologias proto-históricas, assim como arquiteturas, num habitat já pautado por uma cronologia de inícios da Idade do Ferro, cronologia sustentada na presença de importações do mundo fenício mas igualmente com datações de radiocarbono (PIMENTA, SOARES & MENDES, 2013).

Optámos assim, no presente trabalho, por não incluir os materiais da Idade do Bronze Final ou de tradição desta. Apenas apresentamos, a título ilustrativo, algumas taças carenadas com um claro tratamento diferenciado a nível das suas superfícies e com fabrico distinto, evidenciando pastas de textura fina e média com escassos elementos não plásticos, bem distribuídos. As superfícies encontram-se alisadas e brunidas, incluindo algumas delas a aplicação prévia de uma aguada. A nível formal, destaca-se com este fabrico a presença de taças com carenas altas bem evidenciadas (Fig. 4, n.º 1, 2 e n.º 7 e 8). Encontra-se igualmente presente os grandes contentores de armazenamento de colo alto e lábio simples (Fig. 4, n.º 3), que parecem já afastar-se dos modelos típicos para a Idade do Bronze Final.

Particularmente interessante para definir esta fase inicial da Idade do Ferro resulta a análise de um conjunto de recipientes em cerâmica manual, que documentam de forma clara o surgimento de novas realidades, ainda que marcadas por continuidades relativamente às tradições oleiras da Idade do Bronze Final. O exemplar PRAG. 986.108.552, (Fig. 4, n.º 4) corresponde a um contentor de armazenamento com um bocal circunscrevendo um diâmetro de cerca de vinte centímetros, do qual arranca uma asa bifida, denotando evidentes afinidades formais com as asas e com as morfologias dos contentores de armazenamento que caracterizam os contextos sidéricos do vale do Tejo do tipo *Pithoi* (ARRUDA, 2002). A imitação em cerâmica

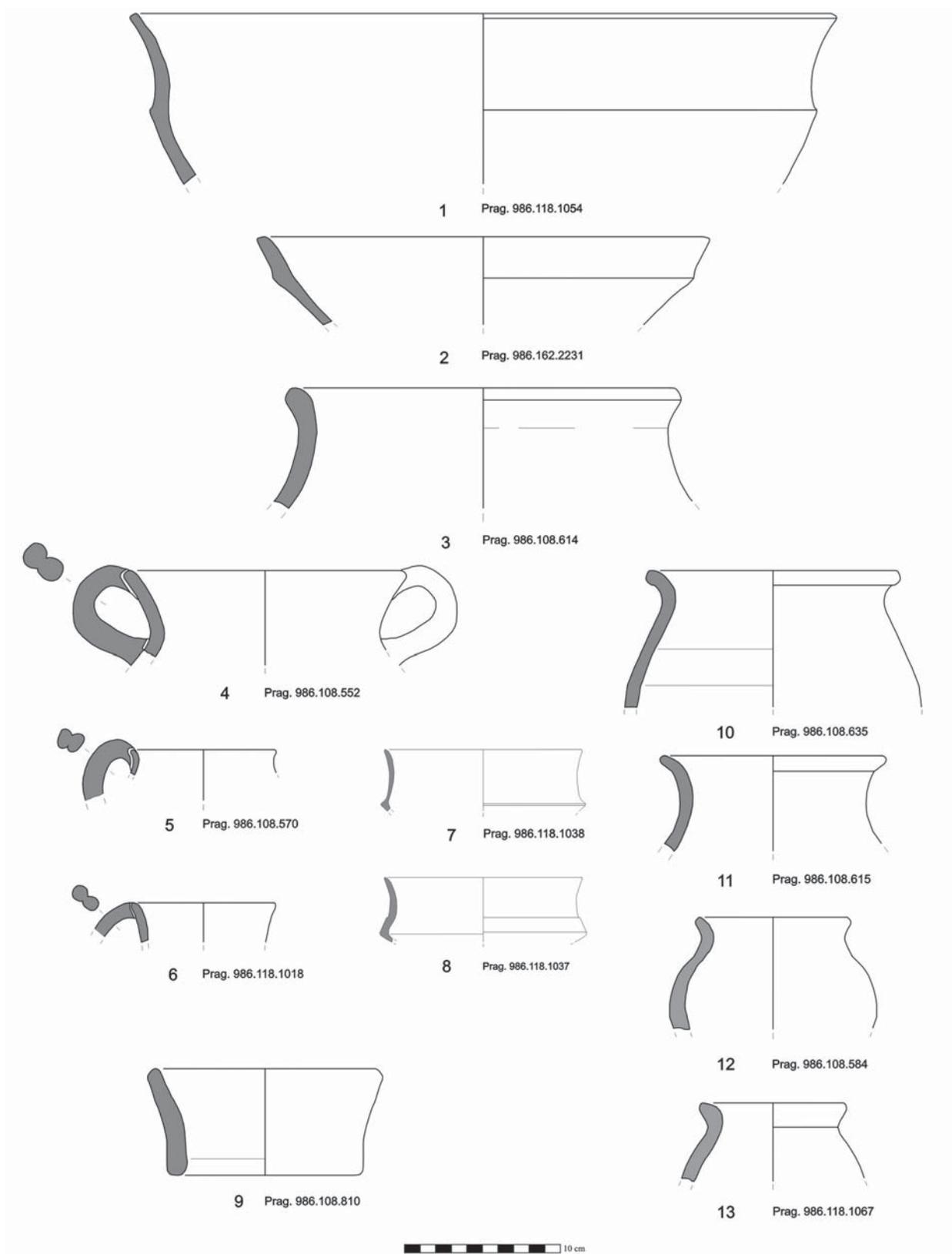


Fig. 4 – Cerâmicas manuais de tradição da Idade do Bronze e da I Idade do Ferro de Pragança. Desenhos de Inês Conde e João Pimenta.

manual de peças destes modelos orientais, em clara consonância com as produções da Idade do Bronze, apesar de pouco frequente, encontra-se atestada para o vale do Tejo, no Porto do Sabugueiro, Salvaterra de Magos (PIMENTA & MENDES, 2008) e na Cabeça de Vaiamonte, Monforte (FABIÃO, 1996, p. 46). Os fragmentos de bocal PRAG. 986.108.570 e PRAG. 986.118.1018 (Fig. 4, n.º 5 e 6), pertencem, face ao seu diâmetro e morfologia, a pequenas taças de acabamento cuidado evidenciando as suas superfícies brunidas, contudo o facto de apresentarem igualmente pequenas asas bífidas arrancando do lábio remete igualmente para cronologias sidéricas.

Entre as cerâmicas manuais proto-históricas identifica-se ainda um pequeno mas coerente conjunto de recipientes de perfil em S que se inserem na nossa opinião nestas cronologias, (Fig. 4, n.º 10 a 13) e tendo em conta o facto de as suas superfícies se encontrarem escurecidas pela contínua exposição ao lume, parece podermos estar perante potes/panelas.

O exemplar PRAG. 986.108.810, (Fig. 4, n.º 9) corresponde a um suporte em cerâmica manual de acabamento algo grosseiro. Funcionalmente estas peças servem para suportar vasos de maiores dimensões geralmente de fundo côncavo. Trata-se de uma morfologia que, ainda que não muito abundante, se encontra atestada precisamente em contextos sidéricos. É no vale do Tejo, em sítios com forte presença do mundo fenício, como a Alcáçova de Santarém, que encontramos o melhor paralelo para a peça de Pragança, ainda que a peça Escalabitana seja fabricada já ao torno (ARRUDA, 2002, p. 188, Fig. 120, n.º 3). Os exemplares que conhecemos em Lisboa, parecem corresponder já a uma evolução deste protótipo de suporte evidenciando um perfil mais evoluído que se encontra bem datado já do século V a.C. (SOUSA, 2014, p. 165).

4.1.2 – A cerâmica a torno

O conjunto de cerâmica a torno proveniente de Pragança e depositado no Museu Nacional de Arqueologia apresenta-se amplo e diversificado. Após uma análise cuidada verificou-se que esta leitura apenas corrobora a relevância da implantação do sítio e a sua ampla diacronia de ocupação, que se estende ao longo de toda a Idade do Ferro e alcança o período romano. O grosso do conjunto corresponde à sua ocupação datada já do final da Idade do Ferro e que é coetânea com o mundo romano republicano. Trata-se de uma ocupação centrada entre os séculos II e I a.C. e que encontra bons paralelos nos conjuntos “monótonos” de contentores de armazenamento certamente destinados ao armazenamento de cereais dos sítios de Outeiro da Assenta, Óbidos (CARDOSO & MARTINS, 2009), Castro de São Salvador, Cadaval e do Castelo, Arruda dos Vinhos (CARDOSO, 2014). O estudo monográfico desta fase final da ocupação da Idade do Ferro de Pragança insere-se já no âmbito do estudo que um de nós (J.P.) tem em fase de conclusão.

Porém, a par destes materiais de fácies tardio, individualiza-se um conjunto coeso de cerâmicas a torno que evidenciam alguns contactos, pelo menos indiretos, com o mundo orientalizante do vale do Tejo ou dos povoados da fachada atlântica como o Outeiro da Assenta ou o Castro da Serra do Socorro (CARDOSO, 2004).

A ausência de quaisquer coordenadas estratigráficas impedem qualquer tentativa de precisão cronológica, contudo alguns elementos remetem para as fases iniciais da Idade do Ferro, que podemos situar entre os meados do século VII e o VI a.C., nomeadamente a presença de alguns fragmentos de asas bífidas a torno que podem pertencer a contentores de armazenamento de morfologia orientalizante do tipo *pithoi*, caso dos exemplares da figura 5, n.º 14 a 19. Trata-se de produções de cariz regional com um tipo de fabrico, que iremos igualmente encontrar nos outros conjuntos de cerâmica a torno a analisar. Corresponde a uma pasta homogénea e bem depurada, resultante de uma cozedura oxidante. Os elementos não plásticos são escassos e bem distribuídos, de pequena dimensão, sendo mais evidentes à superfície do que o núcleo. Compostos por

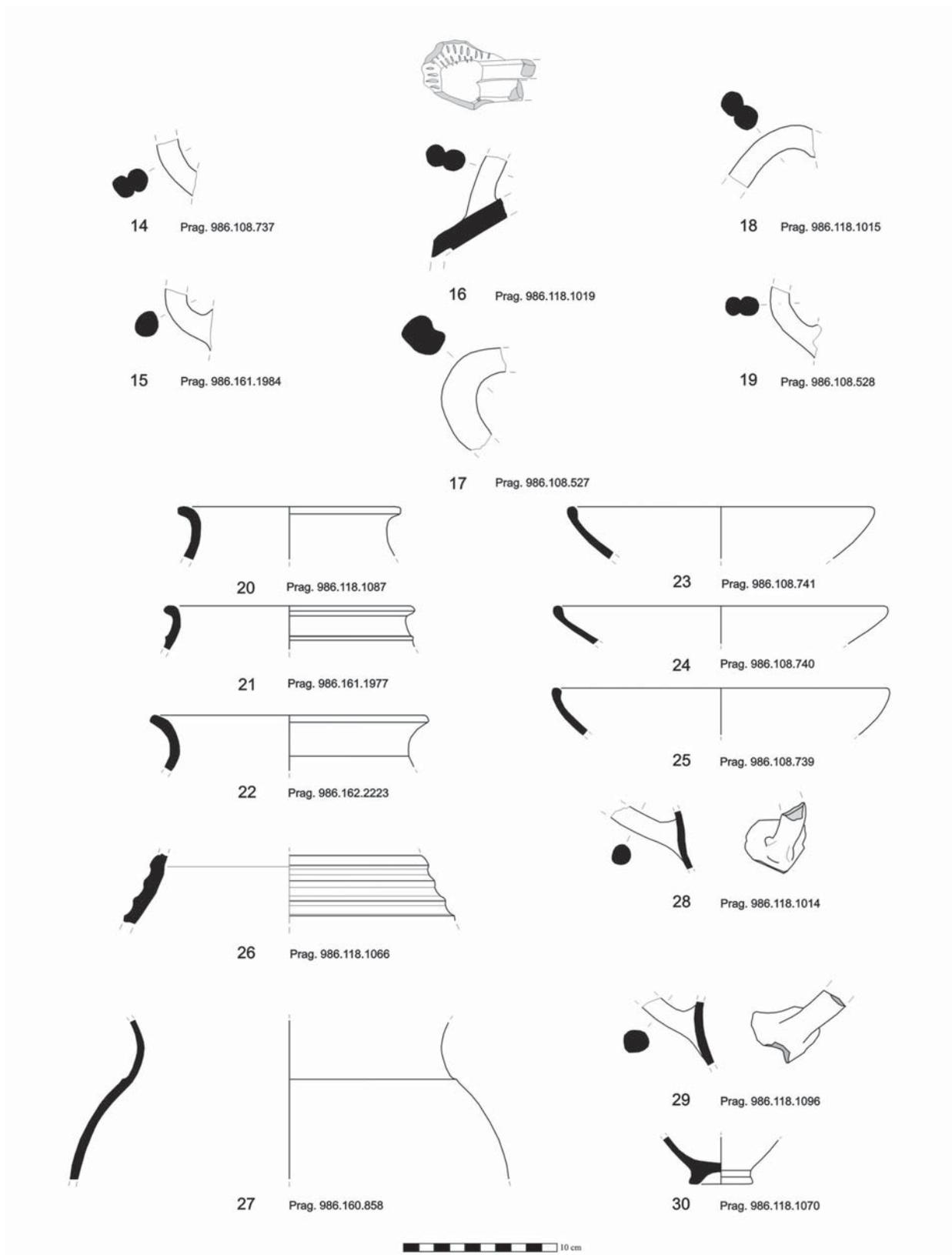


Fig. 5 – Cerâmicas a torno da Idade do Ferro de Pragança. N.º 14 a 19 asas bífidas de contentores de armazenamento do tipo *Pithos*; N.º 17 asa de ânfora; n.º 20 a 30 cerâmica cinzenta fina polida. Desenhos de Inês Conde e João Pimenta.

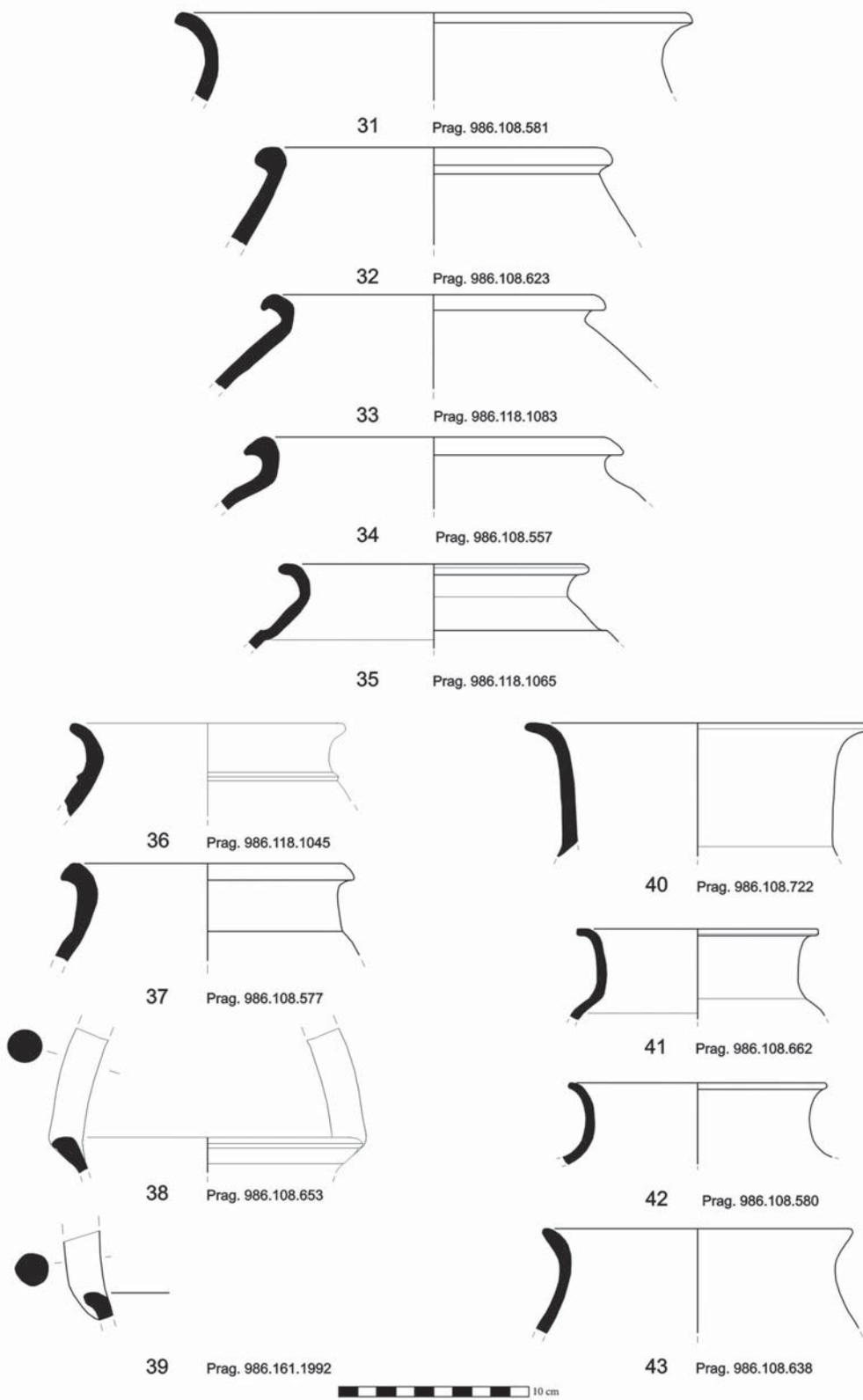


Fig. 6 – Cerâmicas a torno da Idade do Ferro de Pragança. N.º 32 Possível bocal de ânfora; n.º 31 e n.º 33 a 43 contentores de armazenamento. Desenhos de Inês Conde e João Pimenta.

quartzos, micas e elementos de cerâmica cozida. A tonalidade varia entre o acinzentado (Muns 10 YR 6/1) e o castanho avermelhado (Muns 2.5 YR 6/8) revelando normalmente um cerne acinzentado (Muns 2.5 YR 5/1). Destaca-se, pelo seu ineditismo, o exemplar PRAG. 986.118.1019 (Fig. 5, n.º 16), correspondendo a um fragmento de parede de um grande contentor de armazenamento, evidenciando uma carena bem marcada, de onde arranca uma asa bifida e sobressai a decoração em torno da asa. Trata-se de uma decoração ungulada, que confere um cariz arcaizante a este contentor e, mais uma vez, como já tínhamos observado no conjunto da cerâmica manual uma simbiose entre morfologias proto-históricas.

Um dos enigmas do conjunto cerâmico de Pragança é a quase total ausência de ânforas, quer dos modelos pré-romanos, quer nos contextos de cronologia republicana dos contentores itálicos. Não estamos seguros da explicação para este fenómeno, se resulta de um descarte deste tipo de evidências durante a escavação, ou de uma real ausência motivada por questões que nos escapam. O único elemento que podemos associar, com alguma segurança à morfologia anfórica, é o exemplar PRAG. 986.108.527, (Fig. 5, n.º 17), correspondendo este a uma asa de secção circular e com sulco central. Este tipo de elemento de prensão encontra-se normalmente associado a modelos mais evoluídos de ânforas com cronologias centradas já na segunda metade do primeiro milénio característicos das produções do vale do Tejo (SOUSA, 2014, p. 106). Outro dos elementos que podemos interpretar, ainda que assumamos com algumas dúvidas, como ânfora, é o amplo bocal, PRAG. 986.108.623 (Fig. 6, n.º 32). Evidencia um lábio espesso e destacado que o distingue do restante conjunto de contentores de armazenamento, o bojo é troncocónico e parece corresponder a um corpo ovalado, o que correspondia bem com a interpretação de estarmos perante uma ânfora. A existência de uma produção de ânforas de tipologia pré-romana nos vales do Tejo/Sado foi inicialmente proposta por Ana Arruda (2002), sendo esta hipótese reforçada com os dados do estudo do conjunto anfórico da alcáçova medieval de Lisboa (PIMENTA, 2005) e consolidada para a Idade do Ferro com o estudo monográfico das escavações arqueológicas realizadas na Rua dos Correiros, em Lisboa (SOUSA, 2014). Considerando o aumento significativo da informação disponível, foi desenvolvida recentemente uma proposta tipológica para as produções regionais de ânforas pré-romanas do estuário do Tejo (SOUSA & PIMENTA, 2014). Com base nessa proposta tipológica o exemplar de bocal em apreço, poderia inserir-se dentro do seu tipo 1, com cronologias centradas entre o século VIII e o V a.C. (SOUSA & PIMENTA, 2014, p. 251-252).

A cerâmica cinzenta fina é sempre muito abundante nos níveis proto-históricos dos povoados sidéricos de Lisboa, Almaraz ou da Alcáçova de Santarém evidenciando uma ampla variabilidade formal (ARRUDA, 2002). Trata-se de uma característica produção cerâmica produzida a torno rápido, revelando um acabamento cuidado – superfícies polidas, brunidas ou espatuladas – e um tom genericamente acinzentado resultante de cozeduras redutoras. Em Pragança não é exceção, e encontramos este tipo cerâmico bem representado. A forma mais abundante corresponde às taças de bordo convexo engrossado internamente (Fig. 5, n.º 23 a 25). No estudo das cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa (ARRUDA, FREITAS & VALLEJO, 2000), estas taças foram inseridas na forma 1, sendo uma das formas mais características dos contextos orientalizantes peninsulares. Sublinhe-se que a cronologia desta forma é ampla, surgindo em meados do século VIII mantém-se ao longo de toda a Idade do Ferro e chegando mesmo em Santarém a alcançar os níveis de época romana republicana (ARRUDA, 2002, p. 19-197).

Identificam-se ainda alguns bocais de potes (Fig. 5, n.º 20 a 22), assim como um fragmento bem preservado de colo e bojo de um amplo contentor de armazenamento em cerâmica cinzenta, (Fig. 5, n.º 27). Este tipo de recipientes encontra bons paralelos em modelos do primeiro milénio característicos das produções do vale do Tejo (SOUSA, 2014 e 2016b).

Destaca-se o fragmento PRAG 986.118.1066, correspondendo a um fragmento de bojo marcado por caneluras bem evidenciadas, (Fig. 5, n.º 27). Este elemento remete para o tipo de decoração presente nos jarros

de cerâmica cinzenta presentes no sítio de Outurela, Oeiras, (CARDOSO et al., 2014), contudo o seu amplo diâmetro, cerca de vinte centímetros, leva-nos a interpretar antes como contentor de armazenamento.

Por último entre o conjunto de cerâmica cinzenta que podemos atribuir à Idade do Ferro, identificamos os exemplares PRAG 986.118.1014 e PRAG 986.118.s1096. (Fig. 5, n.º 28 e 29) correspondem a taças que mostram traços de influência de protótipos gregos ao qual poderá estar igualmente associado o fundo anular PRAG 986.118.1070 (Fig. 5 n.º 30). Estas produções de matriz helenística, até há pouco mal documentadas no extremo ocidente, foram recentemente sistematizadas para o vale do Tejo (SOUSA & PIMENTA, 2017). Esta morfologia corresponde a uma taça de bordo simples e ligeiramente extrovertido, a partir do qual se desenvolve perfil carenado bem marcado. A base é de tendência anelar, exibindo um pé consideravelmente alto, cujo perfil se assemelha, de certa forma, ao de algumas taças gregas. Partindo da carena, são aplicadas duas asas horizontais, de secção geralmente subcircular, que constituem o elemento revelador da influência dos protótipos do Mediterrâneo Oriental.

Não é fácil determinar com precisão os modelos que serviram de inspiração para a produção destes exemplares. Os tipos mais próximos, se atendermos ao perfil carenado, seriam algumas variantes das *stemmed cups*, cuja cronologia se centra sobretudo nos finais do século VI e no século V a.C., mas que, em alguns casos, se pode prolongar até ao século IV a.C.. Contudo, a inexistência, até à data, de qualquer importação destes vasos na área impõe alguma cautela nesta associação (SOUSA & PIMENTA, 2017).

Os recipientes de armazenamento de grande dimensão produzidos a torno são o conjunto melhor representado, evidenciando uma grande diversidade formal (Fig. 6, n.º 31, 33 a 37, 40 a 43; Fig. 7, n.º 44 a 46 e 48 e 49). Ainda que alguns bocais como o PRAG. 986.108.577, (Fig. 6, n.º 37) remeta para o mundo orientalizante e façam lembrar os *pithoi* do mundo fenício, os restantes encontram bons paralelos em modelos de inícios da segunda metade do primeiro milénio a.C., característicos das produções do vale do Tejo (SOUSA, 2014 e 2016b; PIMENTA, MENDES & MADEIRA, 2009). Na tipologia proposta com base no estudo das escavações arqueológicas da Rua dos Correeiros, em Lisboa, estes contentores foram incluídos na sua Série 10 – Potes e/ou panelas (SOUSA, 2014, p. 167) englobando assim uma grande variedade de recipientes fechados de corpo globular ou de tendência ovoide. Tendo em conta o lábio pendente de formato triangular presente em alguns exemplares, PRAG. 986.118.1093; PRAG. 986.108.557, PRAG. 986.118.1065, (Fig. 6, n.º 33 a 35), podemos englobá-los na variante 10Ba da mesma tipologia (SOUSA, 2014, p. 171).

Ainda entre estes contentores destaca-se a presença dos exemplares PRAG. 986.108.653, PRAG. 986.161.1992, (Fig. 6, n.º 38 e 39), que evidenciam uma asa interna, denominada na literatura como “asa de cesta” arrancando diretamente do lábio. Esta morfologia encontra-se em cronologias idênticas de meados do século V a.C., tendo sido individualizada para a foz do Tejo na variante 10Aa.3 da tipologia que temos vindo a seguir (SOUSA, 2014, p. 170).

Por último temos ainda o exemplar PRAG. 986.108.510 (Fig. 7, n.º 47), que corresponde a um fragmento de bocal de contentor de armazenamento, apresentando uma invulgar asa lateral. Resulta interessante pois, no âmbito da revisão que um de nós (J.P.) tem em curso das escavações antigas de Marques da Costa em Chibanes, identificou-se um exemplar em tudo idêntico ao ora publicado e que remete para momentos tardios da Idade do Ferro (PIMENTA et al., no prelo).

4.1.3 – O conjunto de cossoiros

Preserva-se entre a coleção do Museu Nacional de Arqueologia um diversificado conjunto de cossoiros, composto por 78 exemplares. Sublinhe-se que a esta amostragem ainda se pode aduzir os numerosos exem-

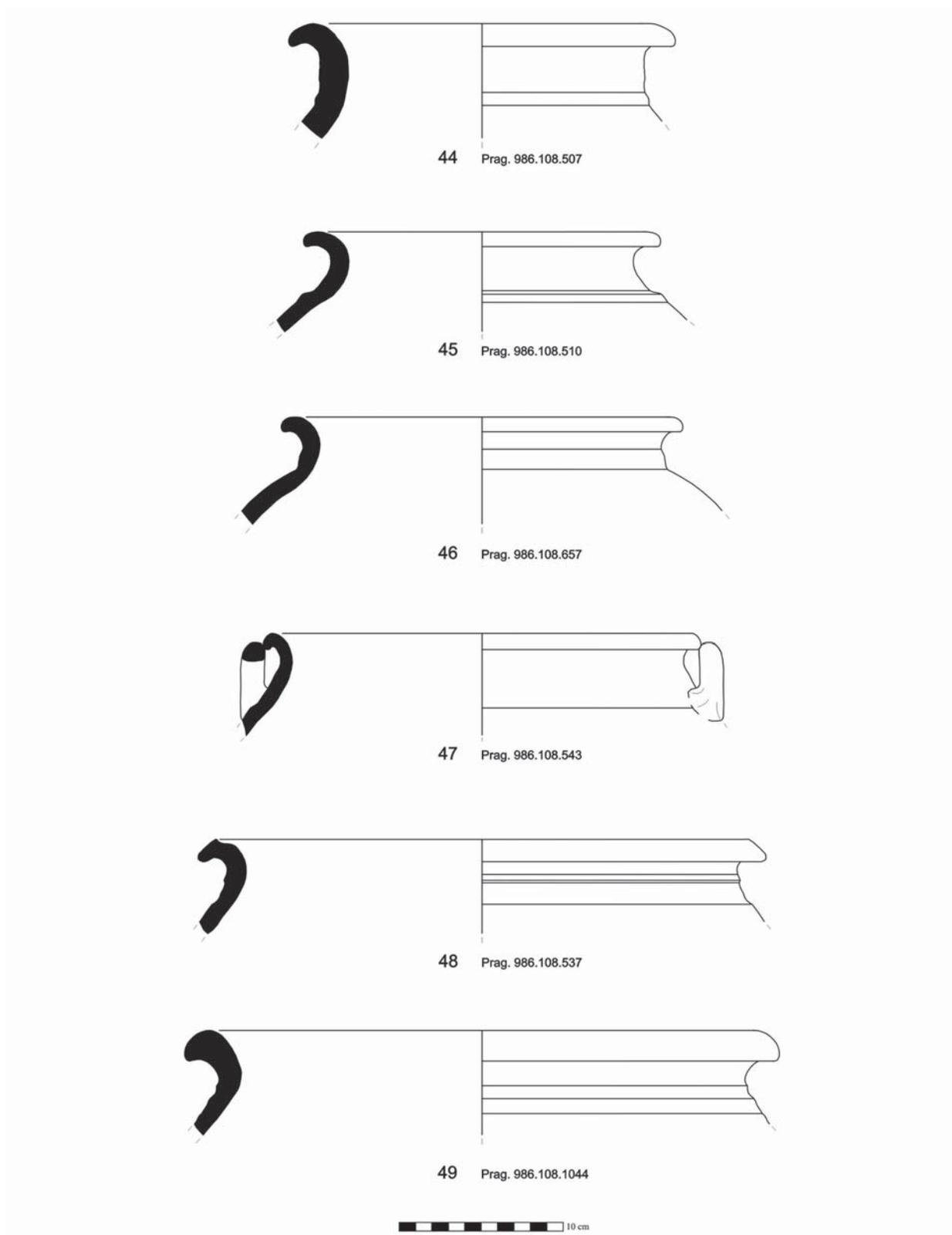


Fig. 7 – Cerâmicas a torno da Idade do Ferro de Pragança. N.º 44 a 49 contentores de armazenamento. Desenhos de Inês Conde e João Pimenta.

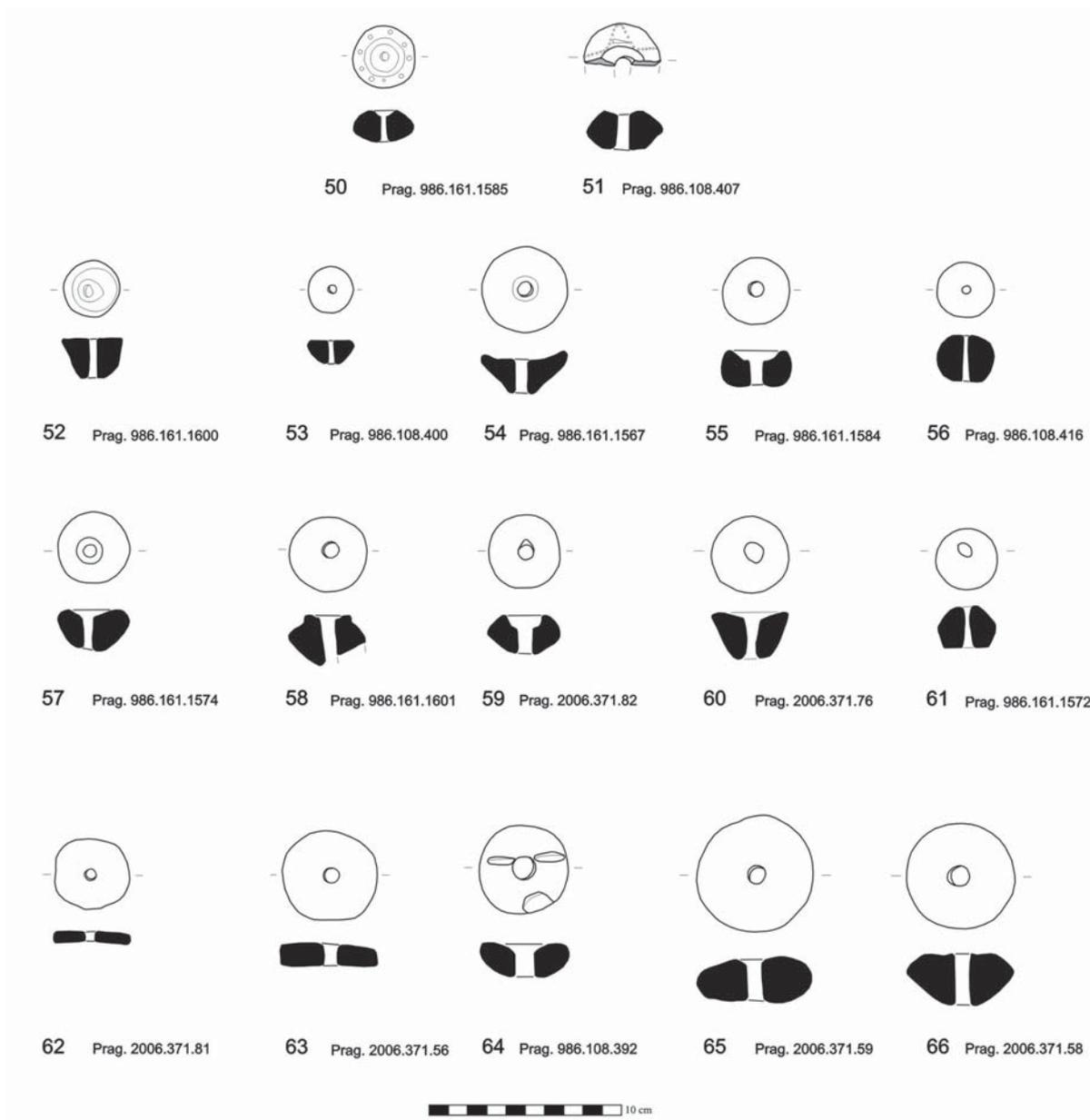


Figura 8 – Cossioiros da Idade do Ferro de Pragança. Desenhos de Inês Conde.

plares expostos no Museu do Cadaval com esta proveniência, 14 exemplares. Temos assim um significativo número de 92 cossioiros, provenientes de Pragança, ainda que a ausência de qualquer coordenada contextual nos impeça de esclarecer qual ou quais as suas cronologias.

Estes artefactos encontram-se associados com a atividade têxtil, ainda que a sua presença em contextos votivos ou mesmo funerários tenha vindo a ser bem matizada (GOMES, 2016 e 2017; PEREIRA, 2013; PEREIRA, 2016/2017). Não sendo aqui o espaço para apresentarmos de forma circunstanciada o conjunto de Pragança, não podemos deixar de sublinhar que a sua associação a esta fase inicial da Idade do Ferro não é totalmente clara face à inexistência de quaisquer coordenadas contextuais. Os exemplares em análise parecem ter sido

produzidos quer manualmente, apresentando nestes casos uma significativa assimetria, quer com recurso a técnicas de moldagem, (Fig. 8, n.º 50 a 61 e 64 a 66).

Ainda relacionado com o mundo da tecelagem, encontramos diversos fragmento a torno intencionalmente afeiçãoados e com perfuração central que aparentemente terão igualmente servido com a mesma função dos cossoiros (Fig. 8, n.º 62 e 63).

4.2 – Os artefactos em vidro

Preserva-se entre a coleção de Pragança, um conjunto significativo e coerente de contas em vidro. Apesar da ausência de qualquer contexto primário que nos elucide em relação à sua cronologia, é importante sublinhar que a introdução dos artefactos vítreos disseminam-se pelo território português com a presença fenícia (ARRUDA, 2002). A sua ampla difusão e sucesso é porém mais recente, tendo a sua difusão e historial de investigação sido alvo de análise recente (ARRUDA et al., 2016).

Foi possível identificar uma conta galonada completa, PRAG. 986.161.1564 (Fig. 9, n.º 67); cinco contas completas (Fig. 9, n.º 68 a 72); e dez fragmentos de outras de pasta vítrea de tom azul-cobalto (Fig. 9, n.ºs 73 a 82). Identificou-se ainda um fragmento de conta de tom amarelo, PRAG. 986.161.2027 (Fig. 9, n.º 83).

Este tipo de contas encontra-se bem documentado no território peninsular (RUANO RUIZ, 2000), nomeadamente no numeroso conjunto de Cabeça de Vaiamonte (FABIÃO, 2001) ou no Porto do Sabugueiro, onde foi mesmo proposta a sua produção local (ARRUDA et al., 2016). Em termos de cronologia estas contas encontram-se bem atestadas quer em contextos pré-romanos, em particular da segunda metade do primeiro milénio a.C., mas encontram-se igualmente presentes em contextos romano republicanos dos séculos II e I a.C.; para uma revisão da sua dispersão e da problemática inerente às suas cronologias veja-se o recente trabalho sobre as peças do baixo-Tejo (ARRUDA et al., 2016).

4.3 – Conjunto metálico

O conjunto de artefactos metálicos do povoado de Pragança, atribuíveis à I Idade do Ferro, que agora apresentamos, é constituído por dois fragmentos de fíbula tipo Acebuchal, um fragmento de fíbula tipo La Tène I, um arco de fíbula anular hispânica, dois botões cónicos e dois fragmentos de braceletes “acorazonados”, ver Fig. 10.

As duas fíbulas tipo Acebuchal têm, respectivamente, os números de inventário 2005.10.26 e 2005.10.27. Ambas foram já objecto de publicação pela primeira signatária num estudo arqueometalúrgico das fíbulas de Pragança (MELO et al., 2009), sendo que o primeiro exemplar (2005.10.26) e também uma delas (2005.10.26) já tinha sido apresentada no *Corpus* das fíbulas Proto-históricas e romanas de Portugal editado por Salette da Ponte (PONTE, 2006). Correspondem a um modelo típico do mundo orientalizante da Idade do Ferro, com cronologias centradas entre os finais do século VIII e o final do século VI a.C. (PONTE, 2006, p. 142).

O primeiro dos exemplares conserva parte do arco laminar bifurcado, com faces labiais decoradas longitudinalmente por sulcos paralelos e pé. Esta peça corresponde ao tipo 9b/2.1 de Ponte e 4c de Schüle, (Fig. 10, n.º 89). A peça foi analisada por EDXRF no antigo ITN (actual Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares da Universidade de Lisboa) e os resultados obtidos confirmaram tratar-se de um bronze (liga de Cu e Sn), com adição de chumbo (Pb).

O segundo exemplar deste tipo de fíbulas apenas conserva parte do arco laminar e arranque do pé, (Fig. 10, n.º 88). Esta peça, tal como a anterior, corresponde ao tipo 9b/2.1 de Ponte (PONTE, 2006, p. 427)

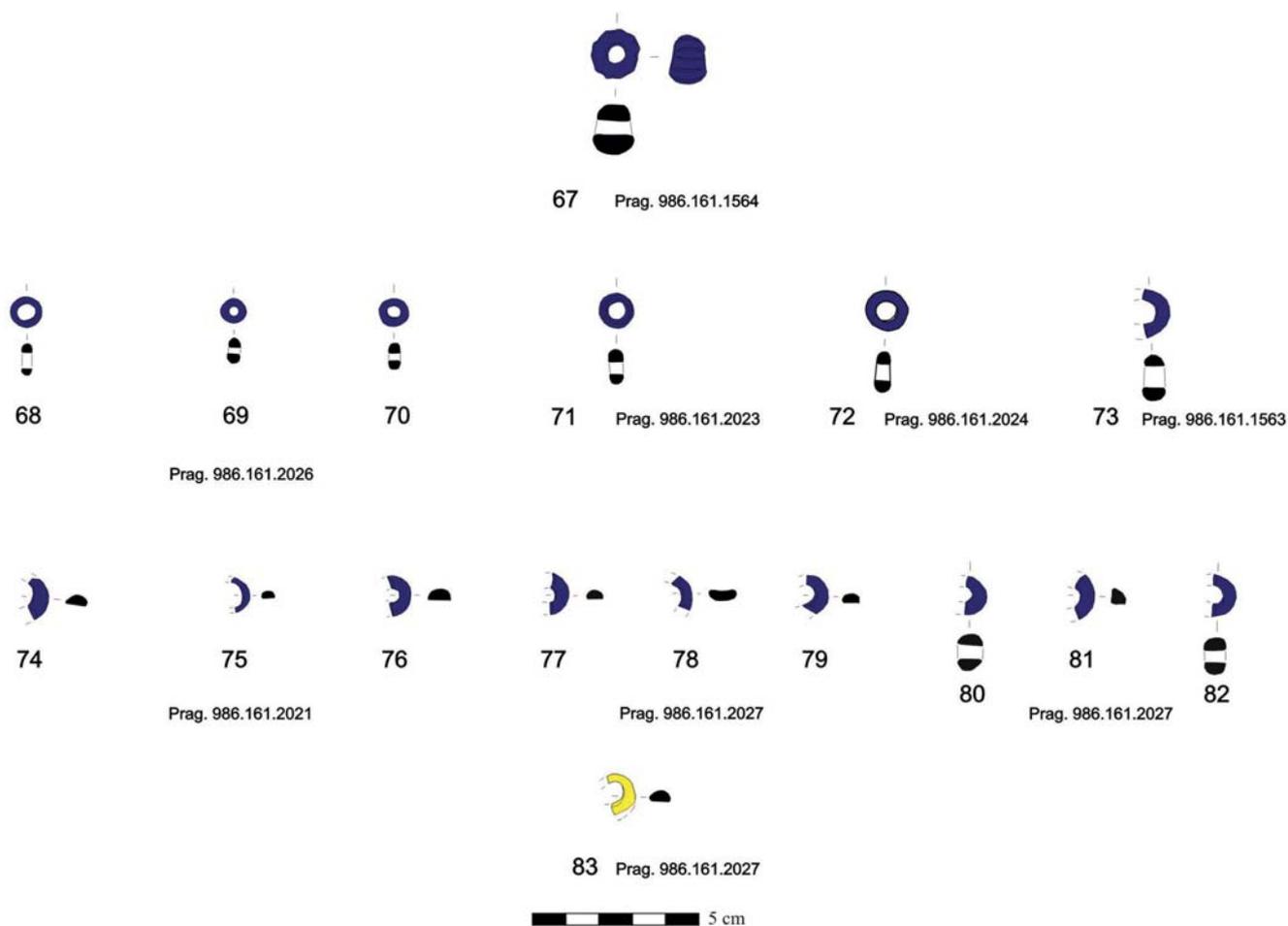


Fig. 9 – Contas de colar em vidro da Idade do Ferro de Pragança. Desenhos de Inês Conde.

e 4c de Schüle. Este segundo fragmento de fíbula tipo Acebuchal também foi analisado por EDXRF no antigo ITN (actual Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares da Universidade de Lisboa) e os resultados obtidos confirmaram tratar-se de um bronze (liga de Cu e Sn).

O fragmento de fíbula tipo La Tène I, com o número de inventário 2005.10.77 conserva o eixo, a mola e parte do fuzilhão, com arco de secção triangular com nervura central, (Fig. 10, n.º 90). A mola bilateral, de corda enrolada à volta do arco, consta de 20 voltas. Salete da Ponte integrou-a no tipo 24 b/2, o qual tem paralelos nos tipos Cuadrado 3b, Cabré e Morán IIIa e Schüle 4 i/b (PONTE 2006, p. 445, n.º 109), datado de inícios ou de finais do século VI ao III a.C.. Apesar de não se conhecer o seu contexto, e para além dos paralelos com outros exemplares atribuíveis à Idade do Ferro, a análise à composição química deste artefacto, efetuada por EDXRF no antigo ITN (actual Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares da Universidade de Lisboa), revelou resultados interessantíssimos, já que a mesma é constituída por dois tipos de liga metálica – o eixo da mola é de ferro, enquanto a mola e o que resta do fuzilhão são um bronze ternário, com teores expressivos de chumbo (Pb), o que não deixa qualquer dúvida quanto ao facto de se tratar de um artefacto perfeitamente integrável na Idade do Ferro.

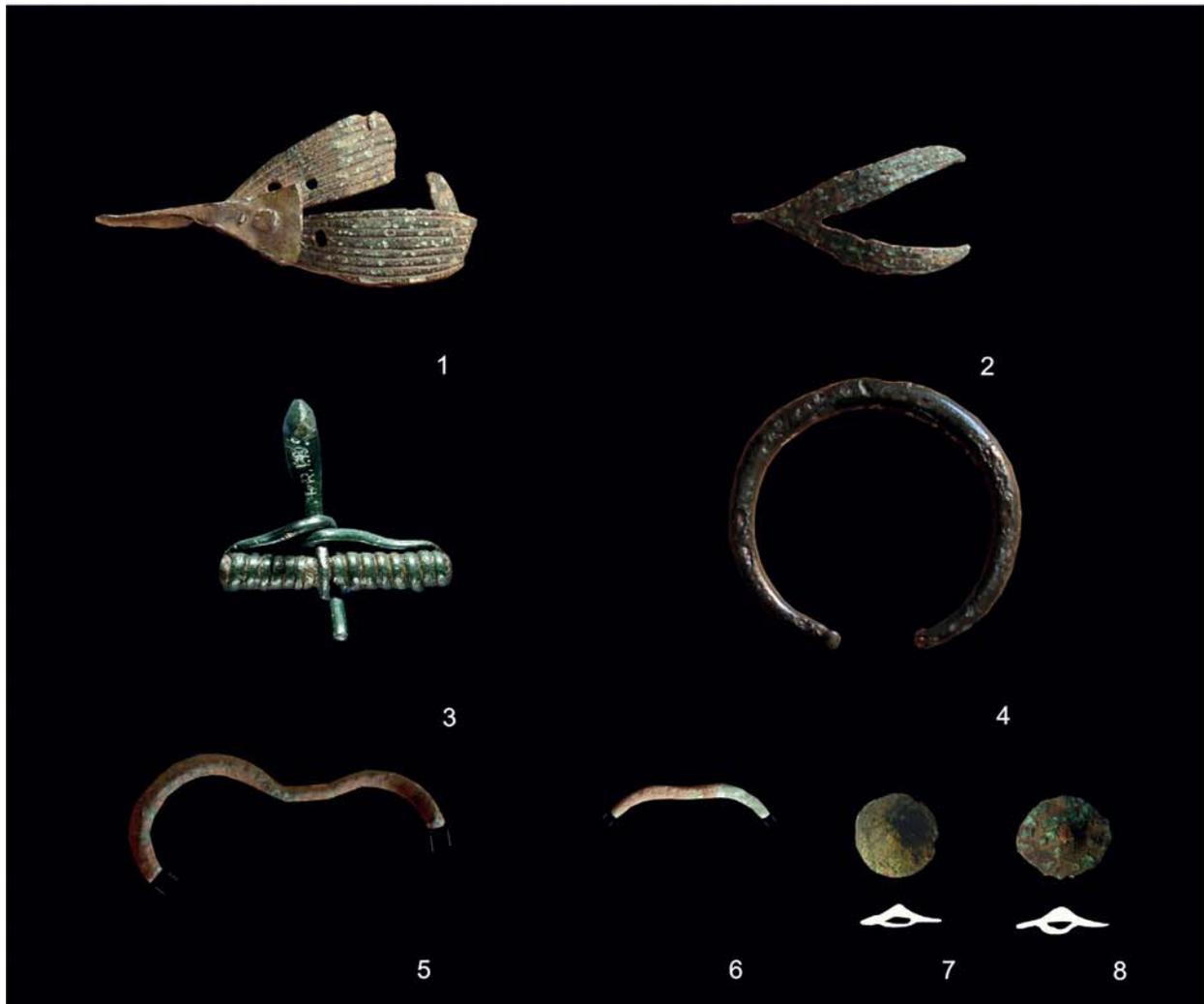
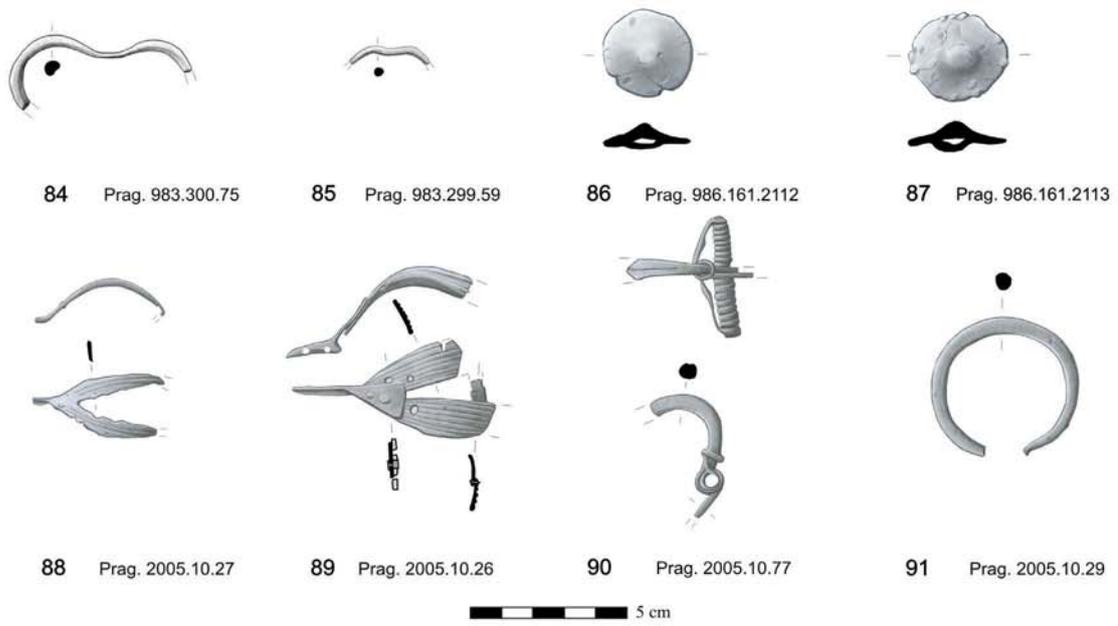


Fig. 10 – Artefactos metálicos da I Idade do Ferro de Pragança. Desenhos de Inês Conde.

O arco de fíbula anular hispânica que integra este conjunto apresenta secção circular, mais afilada nos terminais, os quais se encontram partidos, sendo apenas num visível o arranque do remate em botão. Este é um tipo peninsular muito comum e que se integra no tipo Ponte A50, com datação entre os finais do século IV e os finais do século II a.C., podendo assim já entrar no período romano republicano (PONTE, 2006, p. 485), (Fig. 10, n.º 91).

Neste pequeno conjunto de fragmentos de fíbulas vemos uma diversidade de influências, tanto orientalizantes (fíbulas tipo Acebuchal), como continentais (fíbula La Tène I), verdadeiros indicadores de novas rotas de trocas e de circulação de produtos que coexistem com outras já existentes e essa é uma evidência igualmente patente noutros artefactos provenientes deste sítio arqueológico e atribuíveis à Idade do Ferro

Deste conjunto de objectos de adorno de Pragança há a destacar dois botões cónicos, os quais pela raridade e questões de faseamento cronológico que levantam, assumem particular interesse na caracterização da transição do Bronze Final para a I Idade do Ferro neste sítio arqueológico. Tratam-se de exemplares recolhidos no povoado de Pragança no decurso de intervenções antigas, sem que a sua localização no contexto da escavação seja conhecida.

Analisando os artefactos, cujos números de inventário são, respetivamente 986.161.2112 e 986.161.2113, os dois botões cónicos apresentam características muito semelhantes, ambos com presilha na face interna, pequenas fracturas no bordo, (Fig. 10, n.º 86 e 87). Estas peças foram recentemente analisadas pelo Doutor Carlo Bottaini do Laboratório HERCULES da Universidade de Évora e os resultados obtidos confirmaram tratar-se de um bronze, liga de cobre (Cu) e estanho (Sn).

Estes dois botões cónicos levantam questões pertinentes quanto à sua cronologia e faseamento de ocupação. Tradicionalmente estes artefactos têm sido integrados, a nível peninsular, na I Idade do Ferro, mas escavações arqueológicas recentes têm levantado dúvidas quanto à sua cronologia, apontando para uma integração na última etapa do Bronze Final, de que são exemplos os exemplares recolhidos por R. Vilaça nos povoados de Alegrios e Moreirinha, na Beira Interior. Segundo esta autora “as duas peças classificadas como botões (dos Alegrios e da Moreirinha) inserem-se numa família com ampla dispersão geográfica. Salientam-se, contudo, dois grupos: estão presentes no depósito de Huelva (Almagro, 1940) e integram-se bem na ambiência dos C. U. do NE peninsular (Ruiz Zapatero, 1985, 973). No Ocidente da Península são bastante mais raros...” e, mais adiante, refere ainda esta autora que “se aceitarmos a proposta tipológica de Almagro, diríamos que o exemplar dos Alegrios, porque mais cónico, é anterior ao da Moreirinha, o qual, sendo mais aplanado e apresentando uma presilha mais larga, reuniria os requisitos de um maior evolucionismo tipológico (...)” (VILAÇA, 1995, p. 340). Esta mesma arqueóloga, igualmente em contexto de escavação, no Cabeço do Castro da Argemela, Fundão, recolheu oito botões cónicos de duas sondagens diferentes, respetivamente um da sondagem 8 e sete da sondagem 9 evidenciando, mais uma vez, a presença deste tipo de artefactos em sítios com uma longa diacronia, como é o caso do Castro da Argemela que tem níveis de ocupação que vão do Bronze Final até à II Idade do Ferro, como atestam os materiais recolhidos. Mais recentemente foi recolhido outro botão, em intervenções arqueológicas recentes, na Lapa da Cova, Sesimbra (MATALOTO et al., 2018), em contexto claramente da Idade do Ferro e de influências orientalizantes, embora o exemplar da Lapa da Cova apresente mais semelhanças com o exemplar da Moreirinha do que com os de Pragança ou de Alegrios, o que nos faz equacionar estarmos perante “artefactos de fronteira, ou de transição” e que fazem a “ponte” entre o fim da Idade do Bronze e os inícios da Idade do Ferro. Estes artefactos aparecem também em número expressivo, a nível peninsular, no depósito da Ría de Huelva (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995), em Cancho Roano (MONTERO, GÓMEZ & ROVIRA 2003, p.198) e Medellín (ALMAGRO GORBEA, 2008, p. 382, fig. 508) para só citar estes sítios emblemáticos.

As duas últimas peças deste conjunto correspondem a dois fragmentos de braceletes “acorazonados” ou “arriñonados”, segundo alguns autores (JIMÉNEZ ÁVILA, 2006), respetivamente com os números de inventário 983.299.59 e 983.300.75, (Fig. 10, n.º 84 e 85). O primeiro dos exemplares corresponde a um fragmento de secção subquadrangular dum bracelete “acorazonado”, com a sua forma característica de estreitamento da haste ao meio. O segundo bracelete “acorazonado” é maciço e tem secção subcircular e tem em Talavera La Vieja o seu paralelo mais próximo. Este tipo de artefactos, característicos dos inícios da Idade do Ferro, foi identificado, no que ao território português atual se refere, em Torre de Palma, nos materiais da Idade do Ferro deste sítio e que integram igualmente as coleções do Museu Nacional de Arqueologia e foram objeto de estudo e publicação recente (LANGLEY et al., 2007). Recentemente foram recuperados exemplares deste tipo de braceletes, em escavações recentes, na necrópole da Vinha das Calças, Beja (ARRUDA et al., 2016, p. 192, fig. 5, n.ºs 22 e 27). São também frequentes em sítios emblemáticos da Extremadura espanhola, como Talavera la Vieja (JIMÉNEZ ÁVILA, 2006) ou Medellín (TORRES ORTIZ, 2008, p. 538. Fig. 646) e mais um indicador de que na I Idade do Ferro se intensificam as vias de circulação existentes já no final da Idade do Bronze, mas outras vão surgir, diversificando e complexizando as redes de trocas de objetos de prestígio e os contactos entre as populações.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “Castro” de Pragança, corresponde a um emblemático sítio arqueológico da península de Lisboa, que apesar de representado em todas as cartas de povoamento ou de dispersão de materiais para a Idade do Bronze, permanece em muitos pontos por esclarecer ou clarificar. Estamos perante um povoado fortificado, porém o significado desse habitat e da própria estrutura muralhada do sítio foi-se certamente transformando ao longo dos séculos, mas no estado actual dos conhecimentos pouco mais podemos afirmar com a segurança que a ciência arqueológica exige. Este sítio arqueológico foi também um marco nas dinâmicas de transitabilidade da Serra de Montejunto, como aliás foi sugerido com base na análise dos seus espólios calcolíticos (BASÍLIO, 2015).

Face aos dados que podemos manobrar não é de todo fácil dar uma resposta cabal a estas questões, pelo menos sem a realização de um novo programa de trabalhos arqueológicos no sítio com um quadro de indagações prévio bem definido.

Tendo em conta a riqueza e heterogeneidade das suas coleções, é chegada a altura da realização do que José Leite de Vasconcelos sempre almejou, a publicação da totalidade dos dados aí exumados. Apenas com base nessa revisão se deverá tentar elaborar uma nova leitura e interpretação das ocupações humanas no morro de Pragança ao longo da sua ampla e longa diacronia.

Este trabalho tem assim como intuito, a apresentação e discussão dos dados que remetem para uma ocupação sidérica surgindo esta na sequência de uma forte ocupação da Idade do Bronze onde Pragança parece assumir um papel relevante no contexto regional e onde a metalurgia do bronze sobressai.

Sublinhe-se, que apesar de escassas, as evidências de contactos com o mundo fenício são assaz importantes, encontrando-se materializadas na reprodução em cerâmica manual de algumas formas cerâmicas típicas deste mundo, mas igualmente em algumas importações, como pode ser o caso das cerâmicas cinzentas e da ânfora aqui representada. Estamos longe das dinâmicas a que assistimos e que se encontram bem estudadas para as bacias do Rio Tejo, Sado ou Mondego, quer em termos de volume de evidências, quer em termos de cronologia (ARRUDA, 2005). As evidências de Pragança remetem para cronologias dos meados do século

VII a.C. para o início da interação entre as comunidades indígenas e o mundo fenício, vindo mais uma vez apontar que o fenómeno fenício foi essencialmente litoral e que se alastrou numa primeira fase pelas margens dos grandes rios (ARRUDA, 2017).

Sublinhe-se a importância destes contactos com o mundo fenício, que parece aparentemente corresponder a uma nova fase de exploração do território. Não era de todo conhecido e vem atestar o impacto que a presença do comércio oriental tem no contexto do Vale do Tejo, mas igualmente no âmbito da fachada atlântica e península de Lisboa. Estes elementos vêm em consonância com os dados do Outeiro da Assenta, Óbidos, (CARDOSO & MARTINS, 2009), que correspondem igualmente a uma presença sidérica já centrada a partir do século VI a.C. A estes contactos com as comunidades indígenas do interior da península de Lisboa parece igualmente corresponder os dados do Forte do Alqueidão - Sobral de Monte Agraço (ROCHA & REPREZAS, 2014), assim como os elementos recolhidos na área de Vila Franca de Xira, nomeadamente nos vales do Rio Grande da Pipa e no Rio da Silveira (PIMENTA & MENDES, 2010-2011 e 2015).

As evidências de ocupação pré-romana em Pragança permitem sustentar que após este contacto com o mundo sidérico possivelmente através do vale do Tejo, não mais se deixou de fazer sentir a sua influência. O estudo do conjunto cerâmico e metálico permite atestar uma ocupação importante de inícios da primeira metade do primeiro milénio a.C. que se prolonga até à fase da conquista romana. De facto apesar de não ser aqui apresentado o grosso da informação que, um de nós (J.P.), se encontra a estudar do ponto de vista monográfico reporta-se a um momento final da Idade do Ferro que em anos de calendário se insere já no período romano republicano, século II a.C. ou inícios do I a.C.

A presença do conjunto de artefactos metálicos merece ainda um breve comentário face à sua raridade no panorama regional. A associação da fibula Achebucal às braceletes “acorazonados”, ou “arriñonados”, remete de facto para a sua ocorrência em contextos funerários, melhor atestados no sul do território peninsular, o que faz desta associação artefactual em contexto de habitat, no caso de Pragança, uma situação assaz invulgar e que levanta inúmeras interrogações.

Embora não tenhamos abordado neste trabalho o excepcional conjunto de ponderais da Idade do Bronze de Pragança, já devidamente estudados e publicados por Raquel Vilaça que escreve a propósito dos ponderais deste sítio arqueológico “que só no caso de Pragança podemos falar, sem reservas, de jogos de balança...” (VILAÇA, 2003, p. 273) este tipo de artefactos, pela sua raridade, mas também pela sua funcionalidade muito específica, é um testemunho indubitável do contacto entre o mundo das comunidades indígenas locais, com “os que vinham de fora” com quem estabeleciam redes de trocas. Como tão bem refere Raquel Vilaça, “não podemos esquecer, face à evidência arqueológica, que determinadas comunidades do Bronze Final participaram em trocas trans-regionais, de longa distância algumas, trocas essas que poderão estar na base da adopção de um determinado peso standard “internacional” dominante na altura” (VILAÇA, 2003, p. 276). No caso dos ponderais, e particularmente os de Pragança, são indicadores indubitáveis da dinâmica de transformação que marca a etapa final da Idade do Bronze e o início da I Idade do Ferro – a permanência das tradições locais, coexistindo com o que chegava de fora, através das redes de troca entre indígenas e os “outros” que chegavam do Mediterrâneo e cuja presença também “se fez sentir” neste sítio arqueológico.

Nesta perspectiva, Pragança apresenta-se assim como um sítio arqueológico paradigmático que aparentemente, face aos dados que conseguimos manejar, atravessa todo o primeiro milénio em clara continuidade com a sua ocupação proto-histórica e com uma cultura material singular e com características assaz arcaizantes que remetem para o mundo do interior da península de Lisboa que ainda se encontra tão mal conhecido comparativamente aos sítios do vale do Tejo.

REFERÊNCIAS

- ALMAGRO GORBEA, M., coord. (2008) – *La Necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos*. Madrid: Real Academia de La Historia.
- ARRUDA, A. M. (2002) - *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona. Universidad Pompeu Fabra. Cuadernos de Arqueología Mediterránea 5-6.
- ARRUDA, A. M. (2005) – O 1.º milénio a.n.e. no centro e no sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 23, p. 9-156.
- ARRUDA, A. M. (2017) – A Idade do Ferro Orientalizante no Vale do Tejo: as duas margens de um mesmo rio. In CELESTINO PÉREZ, S. & RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, E., (eds.), *Territorios comparados: los vales del Guadalquivir, el Guadiana y el Tago en época tartésica*. Madrid: CSIC, p. 283-294.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. T. & VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3: 2, p. 25-59.
- ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C.; PIMENTA, J.; SOUSA, E.; MENDES, H. & SOARES, R. (2016) – As contas de vidro do Porto do Sabugeiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). Glass beads from Porto do Sabugeiro (Muge, Salvaterra dos Magos, Portugal). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología da Universidade Autónoma de Madrid*. 42, p. 79-101.
- ARRUDA, A. M.; BARBOSA, R.; GOMES, F. & SOUSA E. (2017) – A necrópole da Vinha das Calças (Beja, Portugal). In JIMÉNEZ ÁVILA, J., ed. – *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos*. Mérida: Consorcio de la Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; PIMENTA, J.; SOARES, R. & MENDES, H. (2017) – Phéniciens et Indigènes en contact à l’embouchure du Tage, Portugal. *Folia Phoenicia*. Pisa / Roma, 1, p. 243-251.
- BASÍLIO, A. C. S. (2015) – *Cerâmica Campaniforme e Pontilhada na Serra do Montejunto*. Lisboa: FLUL. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Orientada pela Professora Doutora Ana Catarina Sousa. Policopiado.
- BASÍLIO, A. C. S. & TEXUGO, A. (2017) – Ensaio sobre a cegueira. Olhar o Montejunto pelo “Campaniforme”. *Entre Ciência e Cultura da Interdisciplinaridade à transversalidade da Arqueologia*. Actas das VIII Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica. Coleção Arqueoarte. CHAM, p. 117-125.
- BOAVENTURA, R.; PIMENTA, J. & VALLES, E. (2013) – O povoado do Bronze Final do Castelo da Amoreira (Odivelas). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 623-640.
- BRANCO, F. C. (1962) – Pragança terá sido um Castro? *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série II. Vol. 4, p. 303-307.
- BUBNER, T. (1996) – A cerâmica de ornatos brunidos em Portugal. In *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 66-72. Catálogo.
- CARDOSO, G. (2014) – Duas fortificações do final da Idade do Ferro/ início da romanização: São Salvador (Cadaval) e sítio do Castelo (Arruda dos Vinhos). In *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira. *CIRA Arqueologia*. N.º 3, p. 200-241.

- CARDOSO, J. L. (1995) – O Bronze Final e a Idade do Ferro na Região de Lisboa: Um ensaio. *Conimbriga*. XXXIV. Coimbra. p. 85-86.
- CARDOSO, J. L. (1995a) – As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo. In JORGE, S. coord. – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 124-125.
- CARDOSO, J. L. (1996) - O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5, p. 6-14.
- CARDOSO, J. L. (1999-2000) – Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 355-413.
- CARDOSO, J. L. (2004) – *A baixa Estremadura dos finais do IV milénio a. C. até à chegada dos romanos: Um ensaio de História Regional*. Oeiras: Câmara Municipal (Estudos Arqueológicos de Oeiras. 12).
- CARDOSO, J. L. (2006) – A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9, n° 1, p. 21-46.
- CARDOSO, J. L. (2010-2011) – O casal agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (2013) – Moita da Ladra 2 (Vila Franca de Xira), um sítio ritual do Bronze Final da região de Lisboa. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto. 12, p. 49-67. Homenagem a Armando Coelho Ferreira da Silva.
- CARDOSO, J. L. (2014) – O Bronze Final na Serra de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 361-374.
- CARDOSO, J. L.; ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. & REGO, M. (2014) – Outorela I e Outorela II, dois pequenos sítios da Idade do Ferro a norte do Estuário do Tejo (concelho de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. N.º 21, p. 393-428.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2009) – O povoado pré-histórico do Outeiro da Assenta (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17. Oeiras. Câmara Municipal, p. 261-356.
- CARDOSO, J. L. & SILVA, I. (2004) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 227-271.
- CARDOSO, J. L. & SILVA, C. T. (2013) – O casal agrícola da Idade do Ferro de Gamelas 3 (Oeiras). *O Arqueólogo Português*. Série V,2, p. 353-398.
- CARDOSO, J. L. & SOUSA, M. J. (2014) – O Bronze Final na Serra de Sintra. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 361-374.
- COFFYN, A. (1983) – Le fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 1, p. 169-196.
- COFFYN, A. (1985) – *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: De Boccard.
- CORREIA, V. H. (2013) – A ourivesaria arcaica no ocidente peninsular. Estado da questão, problemáticas arqueológicas e perspectivas de desenvolvimento do campo de estudo. *O Arqueólogo Português*. Série. V. 3, p. 15-114.
- DIAS, I. da C. (2017) – *O Bronze Final na Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras)*. Lisboa: FLUL. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, para obtenção do grau de Mestre. Policopiado.

- DOMINGOS, J. B.; GOMES, J. F. (2005) – Castro de Pragança. In ARNAUD, J. M. & FERNANDES, C. V., coord. – *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu Arqueológico do Carmo, p. 121-126.
- FABIÃO, C. (1996) – O Povoado Fortificado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte). *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*. 11 (Nova Série). Lisboa: Ed. Colibri, p. 36-84.
- FABIÃO, C. (2001) – Importações de origem mediterrânea no interior do Sudoeste peninsular na segunda metade do I milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaiamonte, Monforte. In TAVARES, A. e, TAVARES, M. J. F. – *Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 197-227.
- FERNANDES, L.; PIMENTA, J.; CALADO, M. & FILIPE, V. (2013) – Ocupação sidérica na área envolvente do teatro romano de Lisboa: o Pátio do Aljube. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, p. 167-185.
- FIGUEIREDO, E.; MELO, A. A. de & ARAÚJO, M. de F. (2007) – Artefactos metálicos do Castro de Pragança: um estudo preliminar de algumas ligas de cobre por Espectrometria de Fluorescência de Raio X. *O Arqueólogo Português*. Série IV. Vol. 25, p. 195-215.
- GOMES, F. (2016) – *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Lisboa: FLUL. Tese de Doutoramento.
- GOMES, F. (2017) – Fusayolas de la necrópolis de Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, Portugal): Tipología, Función y Simbolismo. *SAGVNTUM*. Valencia. 49, p. 43-59.
- GONÇALVES, J. L. M. (1990-1992) – Oleas e Pragança. Duas fortificações calcolíticas da Estremadura. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 8-10, p. 31-40.
- HELENO, M. (1935) – Jóias Pré-Romanas. *Ethnos*. Lisboa. I, p. 238-245.
- JIMÉNEZ ÁVILA J. (2006) – *El conjunto orientalizante de Talavera la Vieja (Cáceres)*. Cáceres: Junta de Extremadura; Museo de Cáceres; Instituto de Arqueología de Mérida.
- JIMÉNEZ ÁVILA J.; MATALOTO, R.; CALADO, M. & GONÇALVES, L. (2018) – Lapa da Cova (Sesimbra, Portugal): a Coastal Sanctuary on the Western Border of Mediterranean. *Folia Phoenicia*. 2, p. 309-316.
- KUNST, M. (1995) – A Idade do Bronze na Estremadura. JORGE, S. (coord.) – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 124-125.
- MACHADO, J. S. (1965) – *Subsídios para a História do Museu Etnológico do D.^{or} Leite de Vasconcelos*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional, p. 79-80.
- MELO, A. A. de & MARTINEZ, J. C. S. (2001) – Agricultores e Metalurgistas, da Troca ao “Mercado”: Alguns aspectos e problemas do Bronze Final e Primeira Idade do Ferro na “Península de Lisboa. *Turres Veteras*. IV. Torres Vedras: Câmara Municipal, p. 95-118.
- MELO, A. A. de; FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO, M. de F. & MARTINEZ, J. C. S. (2009) – Fibulae from an Iron Age Site in Portugal. *Materials and Manufacturing Processes*, 24:9, p. 955-959.
- MONTEAGUDO, L. (1977) – Die Beile auf der Iberischen Halbinsel. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung. *Prähistorische Bronzefunde*. Abteilung IX. Band. 6.

- MONTEIRO, M.; PEREIRA, A. (2013) – Um depósito votivo da Idade do Bronze na Moita da Ladra (Vila Franca de Xira): síntese dos trabalhos. *Cira – Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 2, p. 181-194.
- ODRIOZOLA, C. P.; SOUSA, A. C.; MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R.; ANDRADE, M.; VILLALOBOS GARCÍA, R.; GARRIDO-CORDERO, J. A.; RODRÍGUEZ, E.; MARTÍNES-BLANES, J. M.; ÁNGEL AVILÉS, M.; DAURA, J. SANZ, M. & ANTONIO RIQUELME, J. (2017) – Amber, beads and social interaction in the Late Prehistory of the Iberian Peninsula: an update. *Archaeological Anthropological Science*. <https://doi.org/10.1007/s12520-017-0549-7>.
- PEREIRA, M. (2016/2017) – Os cossoiros de Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Cira – Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 5, p. 55-75.
- PEREIRA, T. (2013) – Por um fio: tipologia e função do conjunto de cossoiros de Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Portugal). In ARNAUD, J. M., MARTINS, A. & NEVES, C. coord. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 681-691.
- PIMENTA, J. (2005) – *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa. Trabalhos de Arqueologia. 41.
- PIMENTA, J. & MENDES, H. (2007) – A intervenção arqueológica na Casa da Câmara de Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira). *Catálogo da Exposição Alverca da Terra às Gentes*. Museu Municipal de Vila Franca de Xira/Núcleo de Alverca, p. 53-70.
- PIMENTA, J. & MENDES, H. (2008) – Descoberta do povoado pré-romano de Porto Sabugueiro (Muge). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11.2, p. 171-194.
- PIMENTA, J. & MENDES, H. (2010-11) – Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. N.º 18. Oeiras. Câmara Municipal, p. 591-618.
- PIMENTA, J. & MENDES, H. (2015) – Casal dos Pegos I e o Povoamento Orientalizante do Rio da Silveira (Vila Franca de Xira). *CIRA Arqueologia*. N.º 4. Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX, p. 19-54.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. & MADEIRA, F. (2009) – O Povoado pré-romano de Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 12. Número 2, p. 177-208.
- PIMENTA, J.; SOARES, A. M. & MENDES, H. (2013) – Cronologia Absoluta para o Povoado PréRomano de Santa Sofia (Vila Franca de Xira). *Cira – Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 2, p. 181-194.
- PIMENTA, J.; SILVA, R. & CALADO, M. (2013) – Sobre a ocupação pré-romana de *Olisipo*: a intervenção arqueológica urbana da Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15. In ARRUDA, A. M., ed. - *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Vol. 2, p. 712–723.
- PIMENTA, J.; SOUSA, E. & AMARO, C. (2015) – Sobre as mais antigas ocupações da Casa dos Bicos, Lisboa: da *Olisipo* pré-romana aos primeiros contactos com o mundo itálico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, p. 161-180.
- PIMENTA, J.; TAVARES da SILVA, C.; SOARES & J. PEREIRA, T. R. (2019) –Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos. *Ophiussa*. Lisboa, p. 45-79.

- PONCE, M. (2012) – *O Bronze Final na Península de Lisboa. O caso do Cabeço de Alcaínça na transição entre o 2.º e o 1.º milénio a.C.* Lisboa: FLUL. Dissertação de Mestrado.
- PONTE, M. S. da (1982) – Uma colecção de fibulas de Estremadura. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. III Série, 88, 1º tomo, p. 3-20.
- PONTE, M. S. da (2006) – *Corpus Signorum das fibulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Coimbra: Caleidoscópio.
- ROCHA, A. & REPREZAS, J. (2014) – *O Forte do Alqueidão. Arqueologia e História. Da Idade do Ferro às Invasões Napoleónicas*. Cadernos da CILT. I. Centro de Interpretação das Linhas de Torres. Sobral de Monte Agraço.
- RUANO RUIZ, E. (2000) – *Las cuentas de vidrio halladas en España desde la Edad del Bronce hasta el Mundo Romano*. Madrid: [s. n.].
- RUIVO, J. (1993-1997) – Circulação monetária na Estremadura portuguesa até aos inícios do Séc. III. *Nummus*. II Série. XVI/XX. Porto.
- SILVA, R. (2013) – A ocupação da idade do bronze final da Praça da Figueira (Lisboa): novos e velhos dados sobre os antecedentes da cidade de Lisboa. *Cira – Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 2, p. 40-102.
- SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*, Lisboa. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Estudos e Memórias 7. Lisboa: UNIARQ.
- SOUSA, E. (2016a) – Algumas considerações sobre a ocupação do final da Idade do Bronze na Península de Lisboa. In SOUSA, A. C., CARVALHO, A. e VIEGAS, C. (eds.) – *Terra e água Escolher as sementes, invocar a deusa*. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 387-401.
- SOUSA, E. (2016b) – A Idade do Ferro em Lisboa: uma primeira aproximação a um faseamento cronológico e à evolução da cultura material. *CuPAUAM*. Madrid. Nº 42, p. 167-185.
- SOUSA, E. & PIMENTA, J. (2014) – A produção de ânforas no estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In *Atas II Congresso Internacional da SECAH – Ex Officina Hispana. As produções cerâmicas de imitação na Hispana*. Braga: Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa.
- SOUSA, E. & PIMENTA, J. (2017) – Produções Cerâmicas de Inspiração Grega no Vale do Baixo Tejo. In *Arqueologia Em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 887-895.
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura: die Besiedlung des atlantischen Küstengebiets Mittelportugals vom Neolithikum bis an das Ende der Bronzezeit*. Mainz: Philipp von Zabern Madrider Beiträge, 7.
- TORRES ORTIZ, M. (2008) – Brazaletes. In ALMAGRO GORBEA, M., coord. – *La Necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos*. Madrid: Real Academia de La Historia.
- VASCONCELOS, J. L. (1895) – Castros. *O Archeologo Português*. Lisboa. Série I. I, p. 3-7.
- VASCONCELOS, J. L. (1905) – Notice sommaire sur le Musée Ethnologique Portugais, Lisbonne. *O Archeologo Português*. Lisboa. Série I. X, p. 65-71.
- VASCONCELOS, J. L. (1913) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. Tomo III.
- VASCONCELOS, J. L. (1915) – *Historia do Museu Etnológico Português (1893-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional.

- VILAÇA, R. (2003) – Acerca da existência de ponderais em contextos do Bronze Final / Ferro Inicial no território português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 21, p. 245-288.
- VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa: IPPAR. (Trabalhos de Arqueologia; 9).
- VILAÇA, R.; ALMEIDA, S.; BOTTAINI, C.; MARQUES, J. N. & MONTERO-RUIZ, I. (2011) – Metalurgia do Castro do Cabeço da Argemela (Fundão): Formas, Conteúdos, Produções e Contextos. In MARTINS, C. M. B.; BETTENCOURT, A. M. S.; MARTINS, J. I. F. P. & CARVALHO, J. – *Povoamento e exploração dos recursos mineiros na Europa ocidental atlântica*. Braga: CITCEM. p. 427-451.